



REPRESENTAÇÃO SOCIAL E PROTAGONISMO DO PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO NA LITERATURA DE FICÇÃO

SOCIAL REPRESENTATION AND PROTAGONISM OF THE BIBLIOTECÁRIO PROFESSIONAL IN FICTION LITERATURE

Bruna Lessa¹ 

Luise Liane de Santana Santos² 

¹ Professora Assistente (UFBA).

E-mail: lessbruna@gmail.com.

² Graduada em Biblioteconomia (UFBA).

E-mail: luise_liane@ymail.com.



ACESSO ABERTO

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 

Conflito de interesses: Os autores declaram que não há conflito de interesses.

Financiamento: Não há.

Declaração de Disponibilidade dos dados: Todos os dados relevantes estão disponíveis neste artigo.

Recebido em: 03/04/2019.

Aceito em: 15/05/2019.

Revisado em: 10/06/2019.

Como citar este artigo:

LESSA, Bruna; SANTOS, Luise Liane de Santana. Representação social e protagonismo do profissional bibliotecário na literatura de ficção.

Informação em Pauta, Fortaleza, v. 4, n. 1, p. 48-67, jan./jun. 2019. DOI:

<https://doi.org/10.32810/2525-3468.ip.v4i1.2019.40950.48-67>.

RESUMO

Este artigo analisa a representação social do profissional bibliotecário e o seu protagonismo

na literatura de ficção, identificando uma possível diferença e/ou semelhança na representação deste profissional a partir dos gêneros masculino e feminino. Com isso, caracteriza-se como uma pesquisa documental, com nível de investigação exploratório. Como técnica de coleta de dados, utilizou-se fichas de leitura a fim de identificar os conceitos psicossociais formadores das representações sociais, verificando a existência de uma constante entre as representações literárias do profissional bibliotecário, bem como as representações que caracterizam o profissional dos gêneros feminino e masculino, observando se prevalece a existência de um estereótipo nestas representações. Os resultados deste estudo indicam que o profissional bibliotecário vem ganhando espaço na literatura. Sua evolução na literatura de ficção acompanha as mudanças do séc. XXI, especialmente a representação do profissional do gênero feminino. Conclui-se que o profissional bibliotecário possui diversas características que possibilita atender ao universo da literatura de fantasia. Contudo, ainda persevera o rótulo de que a Biblioteca é um lugar de silêncio, mas que está sempre disposta a auxiliar o usuário na busca por informação.

Palavras-chave: Profissional Bibliotecário. Representação Social. Literatura de ficção.

ABSTRACT

This article analyzes the social representation of the professional librarian and its protagonism in the literature of fiction, identifying a possible difference and / or similarity in the representation of this professional from the

masculine and feminine genres. With this, it is characterized as a documentary research, with level of exploratory investigation. As data collection technique, readers were used to identify the psychosocial concepts that form the social representations, verifying the existence of a constant between the literary representations of the professional librarian, as well as the representations that characterize the professional of the feminine genres masculine, observing if the existence of a stereotype prevails in these representations. The results of this study indicate that the professional librarian

has been gaining space in the literature. Its evolution in the literature of fiction follows the changes of the century. XXI, especially the representation of the female professional. It is concluded that the professional librarian assumes characteristics that meet the fantasy universe. However, still persevering the label that in the Library is a place of silence, but that is always willing to assist the user in the search for information.

Keywords: Professional Librarian. Social Representation. Literature fiction.

1 INTRODUÇÃO

A literatura de ficção apresenta suas narrativas baseadas no senso comum e na percepção de mundo dos autores. Entretanto, o imaginário desses autores afeta diretamente na caracterização de seus personagens, ora reproduzindo constructos da memória coletiva, ora introduzindo novas representações sociais para diferentes setores da sociedade. O profissional bibliotecário, enquanto personagem de literatura de entretenimento, não escapa do ciclo vicioso das representações sociais defasadas e com repetidas personificações, da literatura infanto-juvenil aos *best-sellers* do The New York Times. O interesse pela literatura de entretenimento e a identificação de tantas representações tendenciosas e, por vezes, incoerente do profissional bibliotecário presente na literatura motivaram a elaboração desta pesquisa.

Considerando o contexto sociohistórico das obras literárias cujos personagens bibliotecários(as) eram sub-representados, a possibilidade de analisar obras literárias mais recentes talvez favorecesse um debate sobre a representação social da profissão. O tema desta pesquisa surgiu da necessidade, identificada pelas pesquisadoras, de um estudo diferenciado sobre o profissional bibliotecário na literatura de ficção. Estudos anteriores, publicados majoritariamente em periódicos especializados, discutem, criticam, apontam e/ou analisam a existência de um ou mais estereótipos na representação do bibliotecário no cinema de entretenimento e na literatura de ficção. Na literatura de ficção, objeto selecionado para esta pesquisa, o profissional bibliotecário é, em grande maioria, apresentado como um personagem secundário, cuja existência depende apenas para atender e/ou auxiliar o protagonista.

Assim, a ausência de um número significativo de bibliotecários(as) protagonistas motivou a busca por obras literárias que apresentassem o protagonismo do profissional bibliotecário. Nesta perspectiva, surgiram algumas questões: as representações sociais dos bibliotecários teriam se modificado muito nos últimos 10 anos? Em quais obras o profissional bibliotecário teria uma importância real para o desenrolar da estória? Qual a predominância de gênero que caracteriza este profissional? Haveria um tratamento diferenciado no desenvolvimento deles enquanto protagonistas? Diante dessas problemáticas, esta pesquisa se propôs a analisar o protagonismo do profissional bibliotecário representado na literatura de ficção, considerando os aspectos psicossociais formadores das representações sociais, verificando se há uma constante entre as representações literárias do profissional bibliotecário, bem como uma possível diferenciação entre as representações do profissional dos gêneros feminino e masculino, observando se prevalece a existência de um estereótipo nestas representações.

Diante desse contexto, justifica-se a importância deste estudo, o qual busca apresentar a representação do profissional bibliotecário na literatura de ficção, enquanto protagonista, identificando se persiste a imagem de uma profissão exclusivamente feminina, atribuída constantemente à Biblioteconomia, e como se dá a representação dos profissionais do gênero feminino e masculino. De antemão, a escolha da temática também está relacionada à função social da literatura e ao interesse das pesquisadoras pela literatura de ficção.

2 REPRESENTAÇÃO SOCIAL E O PROFISSIONAL BIBLIOTECÁRIO

“Por que criamos as representações?” (MOSCOVISCI, 1984, p. 23, *apud* SÁ, 1996, p. 47). Uma das finalidades das representações sociais é transformar em familiar algo desconhecido, assimilando esses elementos a partir de uma variedade de ideias, valores e teorias pré-existentes e aceitas no meio social (MOSCOVISCI, 1984, *apud* SÁ, 1996). São uma forma de conhecimento prático, de expressão do senso comum, como um conjunto de pensamentos e sentimentos, e de compartilhamento do conhecimento social, por intermédio de tradições, da educação e da comunicação entre membros de uma comunidade. Essas representações, enquanto produtos sociais, “[...] resultam da própria interação social, sendo comuns a um grupo social, em determinado tempo e espaço, ou

seja, em determinado contexto” (MONTES *et al.*, 2014, p. 19), e contribuem para a formação de condutas e orientam as comunicações sociais.

Com isso, entende-se que é o conjunto de explicações, pensamentos e ideias que nos possibilita compreender e comunicar diferentes grupos sociais e fenômenos. Socialmente construídas por meio de discursos públicos nos grupos, as representações sociais são “[...] a forma como as pessoas pensam sobre as coisas ‘reais e imaginárias’ do seu mundo [...]”, podendo ser vistas como um processo de construção da realidade (WAGNER, 2000, p. 11). Como produto da realidade social, as representações sociais têm vida própria e são prescritíveis; reforçando a necessidade de mantê-las atreladas “[...] às condições sociais que as engendraram, ou seja, o contexto de produção.” (SPINK, 1995, p. 121).

Agindo no sistema de representação, os membros de um grupo criam o objeto representado, dando-lhes significado e realidade. A interação entre as pessoas expressa e confirma suas crenças subjacentes. A representação social pode ser compreendida como uma unidade do que as pessoas pensam e do modo como fazem. Assim, uma representação é mais do que uma imagem estática de um objeto na mente de um grupo. É, ao mesmo tempo, uma teoria sobre o conhecimento representado, assim como uma teoria sobre a construção do mundo (WAGNER, 2000).

Sua origem está na cultura acumulada pelo grupo social ao longo de sua história, cujo imaginário social é alimentado pelos mais diversos fatores, por exemplo, ciência e senso comum. Uma representação social tanto pode ser modificada quanto pode modificar um grupo, desde que este grupo esteja aberto às novidades. As representações sociais permitem a manutenção da ordem social, especialmente no advento de um fenômeno. Elas auxiliam na transformação do estranho em familiar quando relacionam o novo com algo que já é conhecido (SPINK, 1993).

A caracterização dos processos de objetificação e ancoragem melhor esclarece a estrutura das representações sociais, onde o abstrato se torna material e o objeto ganha um significado simbólico dentro de um pensamento social preexistente. Jovchelovitch (1995, p. 81) define que a “[...] objetificação e a ancoragem são formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade e dando conta da concretização das representações sociais na vida social.”

A ancoragem refere-se à inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído. Ou seja, ancoramos o desconhecido em representações já existentes. A objetivação é essencialmente uma operação formadora de imagens, o processo através do qual noções abstratas são transformadas em algo concreto, quase tangível (SPINK, 1993, p. 306).

Compreende-se a objetivação como o momento em que o abstrato se transforma em concreto, sedimentando as ideias e tornando-as objetivas, criando-se uma “face”. No processo de ancoragem, a ideia é trazida para o contexto familiar, ao atribuir um nome ao que antes inexistia no universo do conhecido, torna-se imaginável, representável. A objetivação e a ancoragem se desenvolvem concomitantemente e se inter-relacionam para dar sentido à representação social. Primeiro, ocorre a assimilação de imagens dadas pela objetivação, depois, ancoramos esse novo conhecimento dentro do que já nos é conhecido.

Representações sociais são denominadas “construções”, porque tratam de reproduções de um sujeito sobre um objeto; contudo, nunca reproduções deste objeto. São maneiras de lidar com a existência de “[...] conceitos sem percepções, percepções sem conceitos, palavras sem conteúdo e conteúdos sem palavra”. (MOSCOVICI, 1978, p. 60)

As representações são conhecimentos desenvolvidos pelo grupo e que se cristalizaram ao longo do tempo. São interpretações da realidade, alimentadas pelos meios de comunicação de massa e sujeitas às determinações sociohistóricas de épocas específicas. Considerando que representações sociais tanto modificam como podem ser modificadas, e sofrem influência sócio-histórico-cultural, “[...] a relação com o real nunca é direta; é sempre mediada por categorias histórica e subjetivamente constituídas [...]”, permitindo que as representações sociais evoluam constantemente (SPINK, 1993, p. 304).

As representações sociais, em sua função identitária, “[...] definem a identidade e permitem a proteção de especificidade dos grupos, salvaguardando a imagem positiva dos mesmos.” (PATRIOTA, 2008, n.p.). No que se refere ao profissional bibliotecário, essa representação não está inteiramente construída e, às vezes, ainda é substituída por estereótipos.

A análise sobre ficções literárias, cinema, produtos de uma cultura de massa, cuja circulação envolve, no caso dos filmes, ampla reprodução doméstica, permite evidenciar

algumas características preestabelecidas pela sociedade em geral. Isto se verifica, atualmente, nas narrativas hollywoodianas, em relação aos ambientes e aos profissionais da informação (CRIPPA, 2009, p. 153).

Na maioria de suas aparições no cinema e na literatura de ficção, o profissional bibliotecário é constantemente vinculado a um papel secundário ou, ainda, a uma interação superficial com o protagonista, como, por exemplo, uma cena breve quando fornece uma informação valiosa e, logo em seguida, recolhe-se para a sua mesa na biblioteca. Em geral, o perfil favorito é o bibliotecário de referência, sempre “[...] capaz de fornecer ao usuário a informação procurada.” (CRIPPA, 2009, p. 154). Ora no papel de mediador da informação, o guia que conduz o usuário/leitor em seus caminhos, ora como o utópico bibliotecário dos filmes de ficção, que “[...] compreende o sonho do acesso instantâneo à universalidade de todos os registros possíveis [...]” (CRIPPA, 2009, p. 155). O perfil do profissional bibliotecário tem passado por algumas transformações ao longo da história da humanidade e, conseqüentemente, influenciou também mudanças em suas representações na literatura de ficção.

Da Antiguidade ao Renascimento, o profissional bibliotecário era predominantemente do gênero masculino. Jacobsen (2010) destaca, nesse sentido, três perfis representativos: o do sábio, do guardião e do disseminador. O bibliotecário como sábio:

Os bibliotecários da Antiguidade eram, portanto, homens reconhecidos pela sua intelectualidade. De forma a concluir que exercer a atividade de bibliotecário, era ser considerado de grande relevância para a sociedade, no sentido de que apenas intelectuais com reconhecido saber e conhecimento poderiam exercê-la. (JACOBSEN, 2010, p. 29).

O bibliotecário como guardião [no período medieval]: os profissionais que exerciam o ofício de bibliotecário eram, de maneira geral, filósofos, cientistas, poetas e/ou religiosos, cujo trato com os livros lhes confiava o papel de guardião do conhecimento armazenado no espaço da biblioteca (JACOBSEN, 2010).

E o bibliotecário como disseminador:

[Com o Renascimento] a preocupação do profissional bibliotecário passou de adquirir os materiais e mantê-los em ordem para a de que estes materiais fossem lidos e utilizados [...]. O perfil necessário e desejável do profissional bibliotecário, passa a não ser mais o de guardião do conhecimento, e sim o de disseminador da informação. Disseminador, no sentido de ser uma profissão que utiliza as tecnologias de informação e comunicação (TICs) para a criação, compartilhamento, organização e utilização das informações, de forma que seja

possível o acesso por parte dos usuários e o conseqüente atendimento de suas necessidades informacionais”. (JACOBSEN, 2010, p. 33-35).

Em sua pesquisa *A imagem do profissional bibliotecário na literatura ficção*, Jacobsen (2010) conseguiu traçar, a partir de 34 obras de literatura de ficção (incluindo as literaturas infantil, juvenil e adulta), um perfil dominante do profissional bibliotecário enquanto personagem: “uma mulher de meia idade”, “um profissional simpático e interessado no usuário”, cujo local de atuação “é predominantemente a biblioteca pública” (JACOBSEN, 2010). A bibliotecária “simpática” de Jacobsen (2010) representa a mudança na representação social do profissional bibliotecário, que deixa de ser majoritariamente masculina, como no passado, caracterizando agora como um personagem moderno, jovem e, majoritariamente, associado ao gênero feminino, ao mesmo tempo em que este profissional deixa de ter o título de “guardião do conhecimento” para se tornar “guardadora de livros”.

Assim, com a Revolução Industrial, a profissão adquiriu o *status* de profissão feminina, pouco competitiva e de pouco esforço intelectual, “[...] cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas [...]”. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32). Como consequência dessa representação “feminina” da profissão, cria-se a dualidade entre a bibliotecária dócil e delicada e a bibliotecária de atitude mais assertiva, considerada agressiva e “solteirona”. Quanto às representações sociais para o profissional bibliotecário do gênero feminino, Walter e Baptista (2007, p. 30), afirmam que

É muito interessante como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres, em geral idosas e, especialmente, com dois adereços principais, como uma espécie de marca registrada, que são os indefectíveis óculos e o famigerado coque nos cabelos, além de uma postura geralmente antagônica e pouco receptiva para os usuários, provavelmente em gesto que indique um enfático pedido de silêncio.

Seis anos depois, o cenário apresentado por Jacobsen (2010) não apresenta tantos estereótipos como vistos anteriormente (no âmbito da literatura). A bibliotecária recorrente na literatura de ficção é simpática e receptiva aos usuários, não é idosa, e sim de meia idade, e não usa “os indefectíveis óculos” e “o famigerado coque nos cabelos”. Outro elemento nesta representação, não descrito na pesquisa de Jacobsen (2010), mas identificado na literatura, é a questão do estado civil do profissional bibliotecário do

sexo feminino, sempre solteiro, uma característica interpretada como negativa, muitas vezes associada à solidão, levando o personagem a uma perspectiva de futuro no enredo em que é vista como “[...] das mulheres velhas e seus adereços indissociáveis”. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 37).

Considerando que as renovações sócio-histórico-culturais alcançaram as representações sociais do gênero feminino na literatura de ficção, e em outros produtos culturais, não seria a bibliotecária uma beneficiária dessas mudanças? Em 2010, as conclusões do estudo de Jacobsen já apresentavam perspectivas mais promissoras para a representação da profissão, em especial para o personagem bibliotecário do gênero feminino. A prevalência da simpatia e a ausência de estereótipo permitem uma expectativa positiva para a identificação desse novo perfil do personagem bibliotecário na literatura de ficção.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, com nível de investigação exploratório, já que se pretendeu promover um maior conhecimento sobre o assunto pesquisado, assumindo também o caráter de pesquisa documental, segundo o seu desenvolvimento, a qual se deu a partir da leitura e análise de materiais que não receberam tratamento analítico e/ou científico (GIL, 2002; OLIVEIRA, 2007).

Os documentos analisados são classificados, segundo Ferrari (1982), como documentação indireta, constituídas por anuários, catálogos, obras literárias, entre outros. Ao identificar o universo de literaturas de ficção adulta com a figura do profissional bibliotecário, adotou-se como critério para escolha nesta pesquisa quatro obras ainda não analisadas na literatura científica, com *copyright* entre 2000-2016, que trazem como protagonistas profissionais bibliotecários, e que não fossem obras de fantasia (ver Quadro 1). Ressalta-se que nenhuma das obras analisadas é originária da língua portuguesa.

Quadro 1 – Obras analisadas.

Autor(a)	Título	Personagem Bibliotecário(a)	Copyright
Audrey Niffingger	A mulher do Viajante do tempo	Henry	© 2003
David Toscana	O último leitor	Lucio	© 2004
Alice Hoffman	<i>Ice Queen</i>	[Ela] (do gênero feminino, sem nome)	©2005
Rebecca Makkai	<i>The borrower</i>	Lucy	© 2011

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Como instrumento de coleta de dados, elaborou-se uma ficha de leitura dirigida, uma vez que foi necessária a leitura na íntegra de cada uma das obras analisadas, construindo, com isso, uma ficha analítica para cada profissional bibliotecário protagonista das obras.

A análise se constituiu em duas etapas. A primeira etapa consiste na descrição individualizada de cada um dos quatro personagens analisados, considerando os dados coletados na ficha de leitura dirigida. Na segunda etapa, os dados coletados foram comparados a fim de verificar diferenças e/ou semelhanças entre a representação do profissional bibliotecário ficcional dos gêneros feminino e masculino e, a partir disso, identificar a importância do profissional bibliotecário no desenvolvimento do personagem e/ou enredo.

3.1 Aspectos Psicossociais do Profissional Bibliotecário na Literatura ne Ficção: Gênero e Representação

Para a análise da representação social do profissional bibliotecário, enquanto protagonista de literatura de ficção, foram considerados os aspectos psicossociais da construção dos personagens. Assim, inicialmente, separaram-se os dados coletados por gênero a fim de identificar se há uma representação diferenciada do profissional bibliotecário ficcional do gênero feminino e do gênero masculino. Os dados apresentados nas tabelas a seguir foram recolhidos mediante leitura dirigida dos resumos das obras.

Tabela 1 – Aspectos psicossociais dos bibliotecários do gênero masculino.

	Henry De Tample	Lucio
Gênero	Masculino	Masculino
Idade	28 a 43 anos	Maior que 70 anos
Estado civil	Casado	Viúvo
Possui formação em Biblioteconomia?	Sim	Não
Satisfeito na profissão?	Sim	Não
Apresenta algum transtorno psicológico/emocional?	Não	Sim

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Tabela 2 - Aspectos psicossociais dos bibliotecários do gênero feminino.

	[Ela]	Lucy Hall
Gênero	Feminino	Feminino
Idade	39 a 46 anos	26 a 30 anos
Estado civil	Solteira	Solteira
Possui formação em Biblioteconomia?	Sim	Não
Satisfeito na profissão?	Sim	Não
Apresenta algum transtorno psicológico/emocional?	Sim	Sim

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019).

Analisando os dados apresentados nas Tabelas 1 e 2, nota-se que Henry De Tample e Lucio, enquanto representantes do profissional bibliotecário do gênero masculino, são ou foram casados. As personagens femininas, [Ela] e Lucy Hall, são solteiras. A partir da leitura das obras, tais personagens se permitem relacionamentos casuais ao longo de suas vidas, mas encerram o romance como começaram, sozinhas. Já Henry e Lucio possuem esposas com papéis importantes no enredo. A de Lucio, por exemplo, mesmo falecida, exerce influência em algumas de suas decisões. Para [Ela] e Lucy a solidão é bem-vinda, ambas não desejam compromissos amorosos, que, para elas, carregam cobranças e invasões de espaço. São bibliotecárias solteiras por opção.

Em relação à formação profissional, apenas um bibliotecário de cada gênero possui formação específica. Contudo, esses profissionais sem formação acadêmica são os que mais tempo passam no ambiente de trabalho, ou seja, a biblioteca. Henry gosta de ler e é curioso, todavia em nenhum momento é mencionada a sua motivação para escolher a profissão. Lucio, por sua vez, foi escolhido pela profissão, aceitando-a pela oportunidade de acesso aos livros e mantendo a biblioteca que trabalha aberta, mesmo

sem pagamento. Como Lucio, Lucy é escolhida pela profissão. Após o término da faculdade, a vaga de bibliotecária é a sua primeira oportunidade de emprego, sem a interferência de seu pai. A urgência em preencher a vaga permite que Lucy trabalhe numa biblioteca pública, apesar de não possuir conhecimento específico. Lucy gosta de ler e se esforça para melhor atender aos usuários, mas teme em se transformar numa bibliotecária estereotipada dos livros e dos filmes. Em oposição à Lucy, [Ela] escolhe a Biblioteconomia porque enxerga na profissão a condição do silêncio e do isolamento, que muito lhe agrada. No seu posto, no setor de referência, [Ela] continua a fazer como na época do Ensino Médio: escutar pessoas, oferecer conselhos e orientações. [Ela] escolhe ser bibliotecária e se dedicar às atividades técnicas da profissão.

Devido à ausência de queixas quanto à sua ocupação, presume-se que Henry está satisfeito com o emprego. Lucio, mesmo gostando muito de ler e avaliar livros como bons ou ruins, adoraria que a população de Icamole se interessasse mais pelos romances. [Ela] escolheu a profissão para especificamente atender ao seu desejo de permanecer emocionalmente distante. Lucy, no entanto, lamenta a repetição dos processos diários: realizar empréstimos, devolver livros à estante, contar histórias para as mesmas cinco crianças todas às sextas-feiras e sente que poderia fazer algo maior com sua vida.

A respeito da questão incluída na ficha de leitura, a saber, “apresenta algum transtorno psicológico/emocional?”, Henry é o único personagem relativamente normal. Henry perdeu a mãe na infância, mas não carrega grandes sequelas emocionais. Lucio, sem muitas atividades de lazer para realizar na cidade de Icamole, passa os seus dias lendo vários livros, julgando-os pelo estilo, enredo, autor etc. Essa imersão literária termina por criar em Lucio uma obsessão em correlacionar a vida real com a literatura, envolvendo terceiros em sua fantasia, desencadeando consequências que fogem do seu controle.

[Ela] sente-se responsável pela morte da mãe em um acidente de carro, depois de desejar nunca mais vê-la. Decide, então, aos oito anos de idade, não sentir. Como uma garota “feita de gelo”, ela não teria mais emoções, preferindo o isolamento. Com o trabalho no setor de referência da biblioteca, [Ela] desenvolve um fascínio pela morte, que passa a conduzir as suas observações sobre a vida. No caso de Lucy, o elemento traumático seria o suicídio da ex-colega de escola, que sofria com a não aceitação de sua sexualidade por parte da família. Quando Lucy conhece Ian, ela teme que o mesmo

aconteça com o garoto, e essa preocupação desencadeia a ação do romance e força Lucy a enfrentar mudanças em sua vida.

3.2 O Profissional Bibliotecário e sua importância no desenvolvimento do enredo

Com base nas respostas da folha de leitura dirigida, elaborou-se uma síntese para cada um dos romances analisados, destacando a influência da figura do profissional bibliotecário nas decisões tomadas pelos personagens, como eles enxergam a profissão e quais os efeitos no desenvolver da ficção.

3.2.1 Henry de Tamble em “A Mulher do Viajante do Tempo”

Acompanhamos a vida de Henry dos cinco aos 43 anos (idade de sua morte). Henry é um inteligente e charmoso bibliotecário de formação (mestrado em Biblioteconomia), casado e pai de uma filha. Trabalha na Biblioteca *Newberry* e, a despeito de comentar no primeiro capítulo que “catalogar é chato”, ele demonstra estar satisfeito com a sua profissão e compartilha com sua esposa um interesse pela leitura. Embora tenha perdido a mãe num acidente de carro aos seis anos de idade, Henry não apresenta transtornos emocionais aparentes. O fato de Henry ser bibliotecário não interfere ou influencia no desenvolvimento da obra ou do personagem, mas, ao consideramos o fator viagem no tempo, o personagem demonstra cuidado com as informações que podem ou não ser reveladas, sem interferir no futuro, atitude coerente com a de um profissional de informação, afinal “Conhecimento é poder”.

3.2.2 Lucio em “O Último Leitor”

Lucio é o total oposto de Henry De Tamble. A história corrente de Lucio gira em torno da sua ocupação como bibliotecário. Com mais de 70 anos, não possui formação acadêmica, nem escolheu a profissão. Quando um mensageiro do governo chegou a Icamole, numa caminhonete carregada de livros, perguntando quem teria um espaço para instalar a biblioteca, o povo recomendou Lucio, o único que possuía uma casa com andares. A biblioteca foi instalada num fracassado depósito de forragem, ideia de sua

falecida esposa. A Lucio foi oferecido o cargo de bibliotecário e coube também a ele montar as estantes e organizar os livros. Recebia o pagamento do salário a cada quinze dias e um pacote com livros, que, de vez em quando, chegava pelo correio.

Na primeira remessa recebeu 507 livros, mas apenas 130 chegaram às estantes. Lucio, sem qualquer conhecimento técnico para o tratamento temático dos livros, classifica-os (julga) segundo sua análise como leitor. Com um carimbo inscrito “censurado”, Lucio lê cada um dos livros antes de expô-los nas estantes e, quando o estilo de escrita do autor não o agrada, ou se o enredo é previsível, condena-os ao quarto escuro, cheio de baratas e formigas, que ele nomeou ‘Inferno’, pois, segundo ele, era para lá que os livros ruins deveriam ir. Na biblioteca de Icamole não se emprestam livros, os únicos visitantes, três por semana no máximo, vêm consultar a enciclopédia. Lucio doou a enciclopédia para a escola, e o novo governo fechou a biblioteca por ausência de frequentadores. Lucio deixou de receber o pagamento e os pacotes com livros novos, mas a biblioteca permaneceu aberta e sem visitantes.

A dedicação de Lucio à leitura é obsessiva. Ele memoriza alguns dos enredos, recita de cor diálogos inteiros e compara as tramas dos livros com a vida real, como se encontrasse neles uma resposta. Quando Remígio, seu único filho, procura-o depois de encontrar uma menina morta dentro de um poço, Lucio usa enredos de romance para aconselhar, quase induzir, como Remígio deveria agir. Lucio é mais um leitor ávido e crítico do que um bibliotecário, escolhido ao acaso nos anos 70 para cuidar de uma biblioteca vazia, pois os moradores de Icamole não têm interesse em romances. Lucio considera-se bibliotecário, é bibliotecário. Um bibliotecário sem formação, que só classifica, mas não desiste de convidar a população de Icamole para o prazer dos livros. Lucio está fadado à solidão de sua biblioteca e à fantasia de suas leituras. Fadado a perecer junto com os livros ruins no ‘Inferno’, enquanto aguarda leitores inexistentes e imagina a sua própria vida como um romance.

3.2.3 [Ela] em “The Ice Queen”

A bibliotecária sem nome, nomeada como [Ela] pelas pesquisadoras, é uma mulher de aproximadamente 40 anos, marcada pela tragédia da morte da mãe, num acidente de carro. Aos oito anos de idade, desejou nunca mais ver a mãe depois de uma

discussão que envolvia a vida social materna. Criou para si mesma o personagem da rainha gelada, uma garota invisível e silenciosa, uma garota que não sente.

O relacionamento com o irmão, quatro anos mais velho, tornou-se mais distante após a morte da mãe. A avó materna criou os dois, e a menina, silenciosa, permaneceu como uma boa neta, uma boa confidente para os colegas de escola, sem grandes desejos, sem atrair atenções que ela não mais queria em sua vida. O mestrado em Biblioteconomia foi especialmente pensado, pois [Ela] procurava uma carreira onde silêncio era uma qualidade valiosa. Designada como bibliotecária de referência, continuou a dar conselhos como no Ensino Médio, era bem quista na biblioteca, uma boa funcionária assim como fora uma boa neta. Desenvolveu um fascínio pela morte após a perda da mãe, e sua posição na biblioteca permitia um estudo mais profundo sobre isso, e essa devoção pela morte termina por reger a maior parte de suas ações no desenrolar do enredo.

[Ela] não é casada, não namora, apenas se relaciona sem vínculos afetivos. Está satisfeita na profissão calculadamente escolhida, levando uma vida sem grandes eventos, até a morte de sua avó, com quem ainda morava até os 39 anos. A morte da avó a obriga a se mudar de Nova Jersey para a Flórida, onde o irmão mora com sua esposa. Consegue um novo emprego numa biblioteca pública em Orlon, com poucos recursos e menos livros nas estantes do que ela possuía guardados em caixas num depósito em Nova Jersey. Manteve o posto de bibliotecária de referência, mas pouco fazia na biblioteca, não havia público interessado. [Ela] leva sua vida sem grandes eventos até ser atingida por uma descarga elétrica, entrando nas estatísticas da cidade de Orlon. Como consequência do acidente, [Ela] precisa de fisioterapia e acompanhamento cardiológico, além de não mais reconhecer a cor vermelha, transformando o mundo a sua volta em gelo.

Numa terapia de grupo para atingidos por raios, [Ela] conhece a história de um homem que, após receber uma descarga elétrica, permaneceu morto por 40 minutos e voltou à vida como se nada tivesse acontecido. Lazarus Jones, como era conhecido, passa a ser seu novo fascínio, ao ponto de [Ela] se envolver romanticamente com ele. Nesse momento, a profissão de [Ela] perde espaço, pois se afasta do emprego até o fechamento da biblioteca por falta de público. Quando Ned é diagnosticado com câncer, os irmãos se aproximam, a iminência da morte os aproxima. Sua cunhada está grávida e seu irmão morrendo. De volta ao seu melhor papel, o de cuidadora, o de ouvinte, [Ela] se aproxima dos dois e cuida do irmão até a sua morte, e da cunhada até o nascimento de sua

sobrinha. É na menina, sua afilhada, que [Ela] reencontra a mágica da vida que perdeu na infância. [Ela] retorna à sua vida em Nova Jersey, agora bibliotecária-chefe do setor de referência na biblioteca pública em *Red Bank*, de volta ao seu espaço habitual.

3.2.4 Lucy Hull em “The Borrower”

Lucy Hull é uma bibliotecária da seção infantil da biblioteca pública de Hannibal, Missouri. Sem formação na área da Biblioteconomia, nem experiência, Lucy consegue a posição na biblioteca devido à urgência da bibliotecária-chefe, Lorraine, de preencher a vaga de bibliotecário. Lucy foi contratada por telefone. Suas principais atividades na biblioteca são: a Hora da Estória, todas às sextas-feiras, a realização de empréstimos e a reposição de livros nas estantes.

A ausência de um diploma na área a impede de realizar processos técnicos, mas Lucy prefere se manter distante de qualquer sistema de classificação. Em casa, seus livros permanecem empilhados no chão da sala, nunca em estantes. Lucy é filha única, seu pai, um imigrante russo, não compreende a escolha da filha de trabalhar numa biblioteca. Sua mãe, de origem judia, não costuma opinar sobre o assunto. Solteira, morando sozinha num apartamento cheio de livros, Lucy sente que poderia estar fazendo algo maior do que ler histórias com vozes engraçadas, carimbar livros e colocá-los nas estantes, e teme constantemente se tornar a bibliotecária estereotipada nas histórias, evitando usar cardigãs e amarrar os cabelos.

Lucy compensa a falta de formação acadêmica baseando o seu trabalho no Primeiro Mandamento da Biblioteca (*Library Bill of Rights*), que expressa que “[...] livros e outros recursos devem ser fornecidos para o interesse, a informação e o esclarecimento de todas as pessoas da comunidade que a biblioteca serve. Materiais não devem ser excluídos por causa da origem, história prévia e pontos de vista dos que contribuíram para a sua criação”. (AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, 1996, tradução nossa).

Quando um dia a mãe de Ian Drake, um menino de 10 anos e o mais assíduo frequentador da seção infantil, solicita-lhe que controle o conteúdo das leituras do garoto, Lucy se encontra numa situação desconfortável: aceitar o pedido da mãe contraria o primeiro mandamento que ela se orgulha em seguir, mas, na condição de responsável pela criança, a senhora Drake está no direito. No entanto, Lucy se sente no

dever de ajudar Ian, que tem seu comportamento e interesses limitados pelo fundamentalismo religioso dos pais, e passa a emprestar livros escondidos ao garoto, computados em seu próprio nome.

Lucy é uma pessoa emocionalmente estável, mas enxerga em Ian Drake um antigo colega de escola que, assim como o garoto, teve a sua vida controlada por pais religiosos, temerosos quanto à sua sexualidade. Na época da faculdade, Lucy soube que o ex-colega cometera suicídio e teme que a vida de Ian siga o mesmo curso. Dedicada a ajudar o garoto, Lucy termina por bagunçar a própria vida quando um dia encontra Ian escondido na biblioteca, com uma mochila e admitindo ter saído de casa escondido. Ela se dispõe a levá-lo para casa, mas Ian deseja fugir para a casa da avó, no Canadá, e persuade Lucy a deixá-lo na estação de ônibus da cidade.

Temendo ser acusada de sequestro, Lucy vai embora da cidade, de volta para a casa dos pais. Consegue, então, um novo emprego numa suposta biblioteca universitária, onde tudo o que ela precisa fazer é carimbar, escanear e emprestar. Por ora, estacionada. Algum tempo depois, Lucy é informada, por um antigo colega de trabalho, que Ian voltou para casa com os próprios pés. Ao voltar para recolher os seus pertences abandonados em sua fuga de Hannibal, Lucy faz uma última tentativa desesperada para certificar a Ian um caminho diferente do seu colega de escola: com a ajuda de um amigo ator, Lucy consegue que uma lista de recomendações literárias chegue às mãos de Ian, com sugestões de leitura que compreende a faixa etária dos 11 aos 18 anos. Os livros salvariam Ian. Lucy imaginara que sim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de ficção, graças ao seu caráter de produto do senso comum, é diretamente afetada pelas mudanças sócio-histórico-culturais na sociedade, o que permite identificar mudanças decorrentes do tempo nas representações sociais de conceitos e categorias, costumes e profissões. As quatro obras apresentam uma mudança na representação do profissional bibliotecário enquanto personagem na literatura de ficção. A partir da análise e apresentação dos personagens, **quanto ao estado civil**, para o profissional bibliotecário do gênero feminino, o estar solteiro não mais carrega o estigma da solidão, e às personagens femininas é permitida a ausência de

um relacionamento romântico. Para os profissionais do gênero masculino, o estado civil é evidente desde o início de suas respectivas narrativas.

Quanto à formação acadêmica: o hábito da leitura, curiosidade, acesso aos livros, o gosto pelo silêncio e isolamento, busca pelo conhecimento, representa o que mais motivou a escolha (ou não) na atuação como bibliotecário(a). **Quanto à satisfação profissional:** observa-se que os personagens com formação acadêmica demonstram satisfação com a sua profissão. Talvez a ausência de um preparo específico, a falta de um conhecimento sobre a importância de uma determinada ação desenvolvida especificamente pelo profissional bibliotecário, tenha contribuído para o sentimento de impotência e insatisfação, a exemplo de Lucy e Lucio.

Quanto à saúde psicossocial: Henry, embora tenha perdido a mãe num acidente de carro aos seis anos de idade, não apresenta transtornos emocionais aparentes. Lucio, sem muito o que fazer na cidade de Icamole, passa seus dias lendo livros, avaliando-os pelo estilo, enredo, autor etc. Essa imersão literária termina por criar em Lucio uma obsessão em correlacionar a vida real à literatura, envolvendo terceiros em sua fantasia, com consequências que fogem ao seu controle. [Ela] sente-se responsável pela morte da mãe em um acidente de carro, depois de desejar nunca mais vê-la. [Ela] decide, aos oito anos de idade, não ter emoções. Com o trabalho no setor de referência da biblioteca, [Ela] desenvolve um fascínio pela morte, que passa a conduzir as suas observações sobre a vida. Para Lucy, o elemento traumático seria o suicídio de ex-colega da escola, que sofria com a não aceitação da sua sexualidade por parte de sua família.

Quanto à contribuição da profissão para o desenvolvimento do personagem e do enredo da obra: o fato de Henry ser bibliotecário não interfere ou influencia no desenvolvimento da obra ou do personagem, exceto pelo cuidado que Henry demonstra para com as informações que podem ou não ser reveladas no passado, sem interferir no futuro, coerente com o de um profissional de informação. Lucio é mais um leitor ávido e crítico do que um bibliotecário. Sem formação em Biblioteconomia, não desiste de incentivar a população de Icamole para o gosto pela leitura. Lucio está fadado à solidão de sua biblioteca e à fantasia de suas leituras; fadado a perecer junto com os maus livros no 'Inferno', enquanto aguarda leitores inexistentes e imagina a sua própria vida como um romance. [Ela] escolhe o mestrado em Biblioteconomia por procurar uma carreira onde silêncio fosse uma qualidade valiosa. Designada como bibliotecária de referência, continuou a dar conselhos aos usuários. Era bem quista na biblioteca, uma boa

funcionária, assim como fora uma boa neta. Consegue um novo emprego numa biblioteca pública em Orlon, com poucos recursos e menos livros nas estantes do que ela possuía guardados em caixas num depósito em Nova Jersey. Manteve o posto de bibliotecária de referência. [Ela] leva sua vida sem grandes eventos até ser atingida por uma descarga elétrica, entrando nas estatísticas da cidade de Orlon, o que contribui para seu afastamento e o fechamento da biblioteca. Depois de um tempo cuidando de seu irmão, Ned, [Ela] retorna à sua vida em Nova Jersey, agora bibliotecária-chefe do setor de referência na biblioteca pública em *Red Bank*, de volta ao seu espaço habitual. Por sua vez, Lucy Hull é uma bibliotecária da seção infantil da biblioteca pública de Hannibal, Missouri. Embora sem formação na área da Biblioteconomia, nem experiência, Lucy consegue emprego na biblioteca. Sua principal atividade na biblioteca é a Hora da Estória, realizada todas as sextas-feiras, além da efetivação de empréstimos e reposição de livros nas estantes. A ausência de um diploma na área a impede de realizar processos técnicos, mas Lucy prefere se manter distante de qualquer sistema de classificação.

Considerados os dados analisados acima, é possível concluir que não há um perfil definido para o profissional, como no passado. O profissional bibliotecário é jovem e velho, homem e mulher, satisfeito ou não com seu emprego. Os resultados da análise apontam uma semelhança: temos dois bibliotecários sem formação em Biblioteconomia e insatisfeitos, e dois profissionais devidamente formados na área e satisfeitos na profissão, implicando no desconhecimento das atividades exercidas pelo bibliotecário, com a insatisfação no trabalho. Os bibliotecários se casam, as bibliotecárias permanecem sozinhas. No entanto, considerada a autoria feminina de três dos quatro livros analisados, a constante da bibliotecária solteira perde o estigma da amargura e passa a ser uma questão de escolha. Elas experimentam o romance, mas não têm interesse em se manter em um relacionamento.

Com exceção do estado civil, não há uma diferença explícita na representação do profissional bibliotecário, considerando o seu gênero. Ambos gostam muito de ler e costumam ser simpáticos com os seus clientes. O interesse nos livros é uma constante na representação do profissional bibliotecário, e os métodos bibliotecários para a organização e tratamento da informação são omissos.

Conclui-se que profissão vem ganhado espaço no protagonismo de narrativas literárias, às vezes numa nova roupagem, para melhor atender um universo de fantasia, ou dando continuidade à caracterização da bibliotecária que gosta do silêncio, mas que

está disposta a ajudar. A maior parte das publicações é de origem estrangeira, sem publicações traduzidas para o português, o que dificulta a reformulação da representação social do profissional bibliotecário no Brasil. Considerando os resultados da pesquisa, sugere-se a realização de um estudo mais aprofundado da representação do profissional bibliotecário na literatura de ficção, com um maior número de obras e um maior período de análise, considerando, por exemplo, as novas roupagens agregadas à profissão e à literatura fantástica, que não fizeram parte desta análise. Acredita-se que, com a leitura das obras e realização desta pesquisa, o profissional bibliotecário é um protagonista tão interessante quanto um médico ou um policial, por exemplo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Library Bill of Rights. 1996. Disponível em: <http://www.ala.org/advocacy/intfreedom/librarybill>. Acesso em: 21 dez. 2018.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa, PO: Edições 70, 2004.
- CRIPPA, Giulia. Ordem e desordem nos labirintos da ficção: os bibliotecários e suas representações em alguns produtos culturais contemporâneos. **Transinformação**. Campinas, v. 22, n. 2, 2010. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/512>. Acesso em: 14 mar. 2019.
- FERRARI, A. T. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- JACOBSEN, Priscila Saraiva. **A imagem do profissional bibliotecário na literatura de ficção**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2010. 129 f.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais**. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra. **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Psicologia social).
- MOSCOVISCI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Org.). **Textos em representações sociais**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. p. 7-16. (Psicologia social).
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PATRIOTA, Lucia Maria. Teoria das Representações Sociais: contribuições para a apreensão da realidade. **Serviço Social em revista**, Londrina, v. 10, n. 1, jul./dez. 2007. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/cv10n1_lucia.htm. Acesso em: 15 fev. 2019.
- WAGNER, Wolfgang. Sócio-Gênese e características das Representações Sociais. In: MOREIRA, Antonia Silva Paredes; OLIVEIRA, Denize Cristina de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2. ed. rev. Goiânia, GO: AB Ed., 2000.
- WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v. 17, n. 3, 2007. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/962>. Acesso em: 15 jan. 2019.

SÁ, Celso Pereira de. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. 189 p.

SPINK, Mary Jane P. O conceito de representação social na abordagem

psicossocial. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 300-308, set. 1993.

Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso)

[311X1993000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000300017&lng=en&nrm=iso).

Acesso em: 12 mar. 2019.